

# FMI discute os erros nos diagnósticos

A.M. PIMENTA NEVES  
Nosso correspondente

**WASHINGTON** — O ministro Dilson Funaro, o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, e outros funcionários brasileiros chegaram ontem a Washington para participar de reuniões com autoridades financeiras dos países-membros do FMI e do Banco Mundial, destinadas a examinar um leque de questões, que variam das incertezas do panorama econômico à implementação de uma nova estratégia para resolver o problema da dívida externa e da ajuda às nações em desenvolvimento.

As discussões desta semana ocorrerão no âmbito do Comitê Interno do Fundo Monetário International e do Comitê de Desenvolvimento do Banco Mundial e do FMI. Já no

domingo, os países em desenvolvimento, representados pelo Grupo dos 24, começaram a definir sua posição comum para o encontro dos dois comitês. Sua reunião continuou ontem, em nível de suplentes, e hoje seus ministros aprovaram o texto final do comunicado do grupo.

Em documento que certamente servirá de base ao comunicado final, os técnicos desses países observam que o malogro da estratégia usada atualmente para resolver a questão da dívida de forma definitiva tem suas raízes no diagnóstico errôneo do problema. Daí, afirmam, haver incoerência entre as políticas de fisionomias de curto prazo que são recomendadas e a necessidade de se obter equilíbrio de longo prazo.

“A situação corrente da dívida permanece instável e insustentável”,

diz o trabalho. Reclama que um dos elementos essenciais da estratégia — o crescimento dos países industrializados capazes de absorver as exportações dos devedores e ajudá-los a sair da crise — não correspondeu às expectativas em 1985. Usando os últimos dados disponíveis, o grupo lembra que a desaceleração do crescimento nos países industrializados no ano passado resultou em declínio da taxa de expansão do comércio mundial (de 9% em 1984 para 3%) e na taxa de crescimento dos países em desenvolvimento, que passou de 5,2% em 1984 para 4,3% em 1985.

A razão dívida/exportação em 1985, continua, ficou em 258%, um nível maior do que o de 1983 e que empalidece o progresso realizado em 1984. Essa razão está projetada em 106% em 1991, maior, portanto, do

que a média que prevaleceu entre 1977 e 1981.

O documento observa ainda que os esforços de ajustamento de muitos países são ameaçados pelo uso de taxas de juros do mercado. Se não se cobrar juro sobre a dívida passada abaixo do nível do mercado, a dívida se acumulará em ritmo insustentável, diz o trabalho. Para os países mais pobres, os suplentes sugerem no trabalho preliminar que parte da sua dívida seja convertida em fiação, mas logo em seguida recomendam cancelamento de “considerável” parcela da dívida de todos os devedores.

O grupo voltou a reivindicar uma nova distribuição de Direitos Especiais de Saques no valor de 15 bilhões de DSE, em 1986, e de 25 a 30 bilhões em 1987. O valor para o ano seguinte

seria definido posteriormente. Os técnicos do grupo consideram que essas alocações servirão para cobrir as urgentes necessidades de liquidez dos países em desenvolvimento e que os países industrializados deveriam abrir mão da parte que lhes cabe.

Dizendo-se preocupados com a queda das entradas líquidas de recursos nos países em desenvolvimento, os técnicos pedem substancial expansão do programa de empréstimos do Banco Mundial, que, por sua vez, poderá estimular o fluxo de recursos de outras fontes. Os empréstimos do banco deveriam crescer pelo menos 6,5% ao ano em termos reais, diz o documento, devendo atingir pelo menos 21,5 bilhões de dólares por ano por volta do ano fiscal de 1990. O atual capital do Banco Mundial, de

73,7 bilhões de DSE, deve dobrar.

O ministro Dilson Funaro chegou às 13 horas agitado, na maior parte do dia na embaixada brasileira, discutindo assuntos com seus assessores. No seu lado, estavam ainda Roberto Mollo, seu chefe de Gabinete, e o mata Álvaro de Alencar, seu auxiliar para a Área Externa.

O professor Alexandre Paes, diretor-executivo do Brasil no FMI, teve na embaixada para conversar com as autoridades brasileiras sobre o tema das reuniões próximas dias, como a que representa o Brasil no Banco Mundial. No momento, o Brasil pertence ao grupo liderado pela China, mas está reclamando a volta do seu diretor-executivo.